



Secretario da redacção: AVELINO DE SOUSA Publicação semanal litteraria e illustrada

Propriedade e direcção de JORGE GONÇALVES

Redacção e administração — Rua do Arco  
a Jesus, n.º 81-1.º  
Composição e impressão — Sociedade Nacional  
de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM  
OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado  
Avulso 2 centavos (20 réis)  
ADMINISTRADOR-EDITOR — JOÃO C. DE SÁ

## Augusto Cunha



Hoje, domingo, que se realiza na vasta sala do Eden-Teatro, graciosa e gentilmente cedida pelos seus proprietários, a matinée promovida por este semanario a favor da «Sopa para os Pobres».

Superfluo se tojna accentuar o que este espetáculo encerra de humanitario e altruista. Basta saber-se que se trata de secundar a obra meritoria iniciada pelo grande quotidiano O Seculo, para se avaliar da grandeza do nosso gesto. Não nos movem pensamentos mesquinhos de popularidade, nem tão pouco pretendemos réclamar os nossos sentimentos filantropicos. Simplesmente pretendemos mostrar que, na nossa pequenez de microscopico escalor ao lado das dimensões colossaes do gigantesco couraçado da imprensa portugueza, também sabemos auxiliar a sua simpatica cruzada do Bem, apelando para a magnanimidade do coração dos nossos leitores que — estamos convictos — acorrerão gostosamente a essa festa em cujo escolhido programa avultam os fados e canções de que somos o unico órgão na tribuna do jornalismo.

Por iniciativa de um grupo de amigos, teve A Canção de Portugal uma festa. Por iniciativa da Canção de Portugal e pelo esforço do publico carinhoso que a lê, terá a «Sopa para os Pobres» mais um obulo. Eis tudo.

Publicam-se todos os originaes que nos sejam enviados da provincia desde que sejam escritos em harmonia com a indole do nosso jornal e que noticiem festas populares ou particulares onde se salientem as canções portuguezas.

O nosso semanario dará noticia e anunciará gratuitamente todas as obras literarias que nos forem enviadas.

O nosso biografiado de hoje pertence áquella falange de trovadores da velha guarda, em que brilharam os nomes laureados de Carlos Harrington, Custodio de Almeida, Jorge Silvestre, Manuel Serrano, João Black, etc., e — mais modernamente — Antonio Custodio Nunes, Gomes Brown, Manuel José Soares, Raul de Oliveira e seu irmão José, bem como o humilde autor d'estas linhas.

O Fado, o velho e tradicional Fado tão querido dos portuguezes, teve n'essa pleiade de rapazes — alguns dos quaes a Morte ceifou já — a sua ala dos Namorados, a elite plebeia — se me é permitido o paradoxo — dos seus mais denodados paladinos. Augusto Cunha, bombeiro estrenuo e trabalhador honestissimo, doublé de um chefe de familia exemplar, tinha no Fado o seu melhor passatempo, cantando as suas simples e inspiradas trovas, não isentas de asizados conceitos filosoficos, ao som da guitarra que vibrava plangente n'esses populares concilios onde o seu nome era estimadissimo e os seus versos escutados n'um silencio precursor dos grandes applausos. Quantas vezes, entre elle e o saudoso Harrington, se davam verdadeiras pugnas em que ambos improvisavam, mas sempre amigos, sempre camaradas, sempre irmãos! Que saudade eu sinto d'essas horas agradabilissimas a ouvir-os, ali á rua Pedro Dias, onde se passavam esplendidas noites no mais alegre e afetivo convívio.

O que todos riamos quando Augusto Cunha, empunhando a guitarra, cantava as suas desopilantes trovas em galego, de um comico irresistivel, imitando de uma maneira impecavelmente perfeita o pitoresco dialéto dos cidadãos de Tuil... Com que infinita graça ele interpretava essas esplendidas canções, e com que sentimento ele cantava a sério, no fado menor, as suas produções sobre motivos sociaes umas, outras repassadas de amor e saudade ou pranteando algum vulto eminente desaparecido da face da terra. Os seus versos, ás vezes, roçavam docemente por sobre a perfumada e idilica vida das flôres, ou iam poisar sobre os ninhos quentes das avesitas implumes, contando-nos — como n'uma écloga de acentuado sabor pastoril — a simpleza tocante e ingenua da vida dos passarinhos!

Eram bem os versos de um poeta que sentia e sabia penetrar o amago dos ouvirtes que o aplaudiam sensibilizados pela corréda das suas trovas, que elas cantassem a Dôr, ou repicassem festivamente os sinos doirados da Alegria!

Longe vae esse tempo. Envelhecêmos tofos. Hoje, o Fado é para nós uma imagem sacratissima, uma reliquia guardada religiosamente no cofre rubro dos nossos corações, que raras vezes nos aflóra aos laios... Cantar! Como isso vae longe! Como isso está perto! Longe, pela saudade inarcessivel de uma mocidade longínqua! Perto, porque — embora raras vezes —

os nossos labios andam cantam saudoso dos tempos idos.  
E n'essa saudade dos tempos idos, regada por uma lagrima amiga e doce que eu sinto correr-me na face, está a melhor homenagem que — em nome de A Canção de Portugal — venho hoje prestar a Augusto Cunha.

## A GUITARRA

Sua historia e psicologia — A Guitarra e o Fado — A evolução do Fado — Reabilitação da Guitarra

Conferencia realisada no salão do Conservatorio de S. Paulo pelo jornalista portuguez, padre sr. J. Machado, (Zéma).

VI

(Conclusão)

E' difficil conseguir essa maravilha? Decerto. Que o digam os torturados que lutam para domar a rebeldia da materia ao jogo potente da inspiração. Que o diga o sr. Salgado do Carmo que só á força de teimosia conseguiu vencer, animado por uma grande fé. Que o digam os que o tem ouvido e os que vão ter a dita de o ouvir agora mais uma vez n'este seu concerto de despedida.

Já d'aqui se depreende que a guitarra merecia voltar como filha prodiga ao gremio dos instrumentos nobres, d'onde talvez saiu pelo seu amor das fitas, dos romances e das serenatas, chegando tantas vezes a conhecer a miseria das ruas e o mundo triste do fado.

E' justa essa reabilitação.

Em todo o caso, minhas senhoras e meus senhores, estas palavras singularmente desconexas e pobres de colorido não pretendem ser a cantata do festim em que se celebre o regresso da pobresinha ao gremio da aristocratica e nobre familia dos instrumentos de corda.

A melhor reabilitação é o concerto que ides ouvir em que o sr. Salgado do Carmo põe toda a sua tecnica de extraordinario "virtuose", todo o seu temperamento de artista aureolado de sonhos, toda a sua alma de portuguez, essa alma de um povo de tão grandes destinos e de tão comovente historia, o povo que mais alma tem e o que mais sente no mundo, o unico povo que sabe tocar a guitarra e sabe cantar o fado e n'ele tem, segundo a frase tristemente pessimista mas exata de Rocha Peixoto, a expressão flagrante e nitida das suas tendencias, da sua sentimentalidade e do seu entendimento; a sina, o acaso, a sorte que preside ao nosso destino, que determina as nossas acções e que explica os mais varios aspectos da nossa existencia, ou seja n'uma angustia colectiva, ou individualmente, atirando-nos com o pé direito á ventura ou com o esquerdo á des-

CANTARES 0 Novas idéas sobre o Fado

Jesus e o Fado

(Ao meu bom amigo Delmiro Maria do Rego)

Os soluços que Jesus  
Soltou quando foi pregado,  
São os que hoje traduz  
A lira gemendo o Fado...

Se quando sofreu tal pena  
Ali cantasse um fadista,  
O pranto de Magdalena  
Ficava a perder de vista...

Talvez que d'aquelle pranto  
Que então Jesus derramou  
Se formasse o doce canto  
Que aos nossos dias chegou...

E'ra penso que a Virgem-Mãe,  
P'ra adormecer o filho,  
Devia cantar também...  
E que fôsse o «Choradinho»...

Mas quando o cantou, Maria,  
Junta ao filhinho adorado,  
Outro nome ele teria,  
Mas, emfim, já era Fado!

Perdôa-me Onipotente,  
Se estas quadras de ofendem!  
Só disse, sinceramente,  
O que nem todos entendem...

Montemór-o-Novo

Albino de Jesus Scheidecher.

FLORA

Quem és tu pequena errante  
Que caminhas por aqui?  
—Sou da desgraça uma amante,  
Que venturas nunca vi!

E's infeliz, pobresinha,  
Vivendo assim despresada!...  
—Oh! mas se fôsse eu sózinha,  
N'este mundo desgraçada...

Nasci, morreu minha mãe,  
Meu pae também já morreu.  
N'este mundo ninguém tem,  
Vida mais triste do que eu.

Mas que fazes tu então  
Se no mundo vives só?  
—Nada. Procurando em vão,  
Alguem a quem cause dó.

Não tens tu familia então  
Que veja tão triste sorte?  
Tenho, senhor, um irmão,  
Que um dia salvei da morte.

Sim! Reconheço-te agora!  
Se meu pobre pae morreu  
Não morri eu minha Flora!  
Vem, vem, teu irmão sou eu.

Atlantica.

FADO LITERARIO

Egas Moniz

MOTE

O cerco de Guimarães,  
uma luta de valor,  
distinguiu Egas Moniz  
por ter brío e pundonor.

GLOSAS

Morre o conde D. João,  
toma seu filho o  
este que quer combater  
mete Castela em despique.  
Vencedor já em Ourique,  
onde se fez bons refens,  
com seus bravos capitães  
'spera a gente de Leão  
e eis que se dá então  
o cerco de Guimarães.

Depois, ao rei de Castela,  
—Moniz vae assegural—  
"Que seu rei será vassallo  
se terminar a querrela".  
Então suspende a procela  
contra o rei conquistador,  
visto ter como penhor  
do aio a palavra honrada,  
e foi assim terminada  
uma luta de valor.

Falta o rei ao prometido,  
pois luxo n'isso fazia;  
mas seu aio não 'squecia  
e quiz cumprir o devido.  
Com a familia, o vencido  
vae ao vizinho paiz  
pedir ao rei, seu juiz,  
p'ra os seus a condenação!  
Esta nobre e bela acção  
distinguiu Egas Moniz.

Comove-se o rei altivo  
ao vêr essa penitencia,  
e quiz também com clemencia  
dar á dôr um lenitivo.  
Ante esse gesto instintivo  
e tão digno de louvor,  
perdôo o rei, sem favor,  
a tão bravo cavaleiro  
que foi 'spelho do mundo inteiro  
por ter brío e pundonor.

Fernand' Almira.

Ávelino de Sousa

Em virtude dos seus muitos afazeres,  
deixou de fazer parte da redacção d'este  
semanario, este nosso colega e amigo.

(Replia ao ex.º sr. Belo Redondo)

Tenho a certeza muito intima que não  
houve um só leitor d'A Canção de Portu-  
gal—áparte os amigos do sr. Belo Redon-  
do, suggestionados pelo não menos belo  
talento de s. ex.—que interpretasse a mi-  
nha carta escrita com toda a sinceridade  
e simplicza, pela maneira habilidosa por-  
que s. ex.ª lhe *conveiu* interpretar-a. A mi-  
nha carta está para a resposta do sr. Be-  
lo Redondo como a *pomba* está para o  
*milhafre!* A minha humilde prosa dirigida  
a s. ex.ª era nem mais nem menos do que  
uma pomba alva, immaculada e singela,  
voando no espaço azulino a bater a aza  
branca e simples sob a poalha d'oiro do  
sol em alacridades peroladas de uma in-  
genuidade encantadora. Ao poisar, porém,  
sob o capitel helénico da catedral augus-  
ta da Verdade, surgiu o *milhafre*—en-  
carnado pela pena adunca do sr. Redondo—  
e, ferrando-lhe o bico sobre a plumagem  
de arminho, trouxe-lhe á superficie um ru-  
bro mas tenue laivo de sangue! A pomba  
tá, porém, reciosa e lesta, bateu cèlere a  
aza branca de neve, e foi-se espaço em  
fóra, sorrindo altiva da aggressão ligeira,  
para voltar hoje a poisar, graciosa e sim-  
ples, sobre o capitel helénico da catedral  
augusta da Verdade.

O sr. Belo Redondo está redondamente  
enganado. A minha carta que motivou a  
sua infeliz e acrobatica resposta—onde  
se adivinha o truc do *jongleur* barato—era  
sincera, franca e leal, não contendo o mais  
ligeiro vislumbre de entrelinhas ou de ironia.  
Quando eu disse que *admirava* os *es-  
critos de s. ex.ª*, disse-o sinceramente, pelo  
que tenho lido, principalmente na *Voz do  
Operario*. A minha carta era, pois,—para  
servir-me da fórmula popular:—*pão, pão,  
queijo, queijo, p'á pá Santa Justa*.

O sr. Belo Redondo é que ironisa quan-  
do diz que *é aos grandes nomes que cabe  
realisar os grandes empreendimentos*. Não  
posso um grande nome, demasiado o  
sei, mas posso felizmente um nome muito  
honesto, elevado—á custa de muito es-  
forço intellectual—no conceito dos meus  
"dãos. Um grande nome, qual-  
quer, pode ter. Uma grande honesti-  
dade moral e literaria é que nem todos  
teem. O que nos deve preoccupar, a todos,  
são as grandes idéas e não os grandes  
nomes. Mas como n'esta terra se medem  
categorias pelo doutorado—visto viver-  
mos n'um paiz de doutores que correm  
parelhas, pela qualidade e quantidade, com  
os burros de Caciilhas—evidentemente só  
o *sobriquet* de doutor pode impor respeito  
ao vulgacho.

Também não fui grosseiro quando afir-  
mei *ter já dito tudo que o sr. Belo Redon-  
do dizia na sua carta ao escritor X*, por-  
quanto não pretendi chamar plagiario a  
s. ex.ª, mas sómente afirmar uma verdade.

Torno a repetir a s. ex.ª que, em ma-  
teria de Fado, tudo está feito e, conse-  
quentemente, as *idéas novas* do sr. Redon-  
do, são velhas. A grandeza do Mar, a  
Anciedade da Raça, etc., tudo isso está  
feito. Se ha trovas em que apenas se can-  
ta o simples registro dos acontecimentos,  
outras ha de mais elevado estilo, na sin-  
tese, na forma e nos conceitos. Por isso  
eu disse—frase que s. ex.ª torceu a seu  
bel-prazer—*achar bem que o sr. Belo Redon-  
do ajudasse a elevar a bela trova portugueza*.

Não o disse, porém, como s. ex.ª quer,  
com o fim de auxiliar a tal sua pretensa  
cruzada, pela simples razão de que não  
considero o fado de hoje morto. Nunca  
ele esteve tão vivo e tão dignificado pe-  
los poetas populares, que s. ex.ª insulta  
chamando-lhes bebedos.

Desde que o sr. Redondo diz que o  
*fado de hoje já devia ter morrido, afogan-  
do em vinho o seu cantar historico*, o mes-  
mo é que chamar bebedos aos seus cultor-  
es de hoje. Já assim, pouco mais ou me-  
nos, se tinham expressado outros detrac-  
tores do Fado que antecederam o sr. Redon-  
do e com os quaes s. ex.ª enfileira.  
Sim, porque, para mim, o sr. Redondo—  
a partir da data da sua carta ao escritor X  
—não passa de um detrador do Fado, em-  
bora com a pretensão de querer *fabricar  
um fado de amanhã mais portuguez*, de  
estilo grandiloquente, em harmonia com  
a Arte moderna, visto o fado de hoje pri-  
mar pela falta absoluta de arte a par de  
uma filosofia velha e sebenta!

A Arte com que se educa o espirito do  
Povo, meu caro sr. Belo Redondo, é aque-  
la que lhe fala a linguagem da Verdade.  
*A Vida, a Realidade, eis o unico fim da  
Arte*, diz Guyau. Não conheço outra, a não  
ser a arte patologica dos paranoicos do  
Orfeu e futuristas... mas essa, pertence  
evidentemente á ciencia dos psiquiatras.  
Egualmente não conheço filosofias velhas.  
A filosofia não tem idade. Hontem,  
como hoje, como sempre, os conceitos phi-  
losoficos de Schopenhauer vivem e ser-  
vem de ensinamento a todos que pensam  
e estudam, como se de hoje fôsem, do  
mesmo modo que viverão sempre os con-  
ceitos de quaesquer outros filosofos de  
todas as edades.

O sr. Belo Redondo, quando muito, po-  
deria ter dito: «Muito tem feito em prol  
do Fado os poetas populares; é necessa-  
rio, porém, fazer muito mais». Mas, s. ex.ª  
preferiu antes dizer que o Fado cheirava  
a vinho, etc., insultando assim os filhos  
do povo que não podem vestir casaca  
nem cantar o fado na pastelaria Marques  
ou em qualquer leitaria onde os *snoobs* va-  
sios de intellecto deixam crear requieijo  
ao canto da bôca... Eu nunca me atrevi  
a dizer que os *Lusiadas* cheiravam a vi-  
nho, pelo facto de ter ouvido varias ve-  
zes o alcoolico *Tlim*—tipo popular já fa-  
lecido—recitar *As armas e os barões assi-  
nalados*... Seria insensato! Ha anos,  
quando eu cantava o fado, muitas vezes  
o fiz na taberna, no seio de trabalhadores  
honestos, onde cheira a suor e onde ha  
mãos calosas, sem que eles, ou eu, nos  
embebedassemos! Mas é, já agora, a eter-  
na mania dos detractores do Fado, cha-  
marem-lhe *canção de mareantes e combor-  
ças, que cheira a vinho*, etc.

O assunto está esgotado. E' superfluo  
proseguir.

Não compreendo, todavia, porque razão  
o sr. Belo Redondo burlou os leitores  
d'este semanario, introduzindo-se sobre-  
piciamente, com pésinhos de lá, nas adas  
colunas, escrevendo n'elas *versos* pensa-  
mentos em que *entrecer* o Fado, para  
agora vir *chamar* *o canção de mareantes  
e comborças* *de ha de morrer afogado em  
vinho* *o seu cantar historico!* Estranha duali-  
dade! Quando falou o sr. Redondo verda-  
de? Foi quando nos seus pensamentos  
chamou ao Fado a *mais bela trova*, ou  
agora que lhe chama *canção do vinho?*  
Para que nos fez s. ex.ª cair no *conto do  
vigario?*

Melhor fôra ter dito, logo de principio:  
—*O fado é uma porcaria avinhada, e só  
será a mais bela trova portugueza quando  
eu, Belo Redondo, do alto da minha cêde-  
dra, escrevi o fado de amanhã, todo feito  
de Arte-Nova, em estilo grandiloquente e fi-  
llosofia jovem!*

Era preferível a ter enganado a gente!  
Queira s. ex.ª desculpar, mas esta é a lin-  
guagem da verdade, posta na bôca de um  
homem que nunca alcançou Severas, nem  
frequenta tascos, embora não se envergon-  
he de lá entrar. E, depois d'isto, pode  
s. ex.ª dizer o que quizer, pois não serei  
eu que volte a responder-lhe, porquanto  
já estou farto de ripostar aos detractores  
da pobre canção, que afinal dizem sempre  
o mesmo...

Dispensio, pois, a companhia do sr. Redon-  
do, preferindo-lhe a da pleiade de *bor-  
rachos*, desde Bogaço ao mais modesto dos  
vates portuguezes. E, como hoje mesmo  
deixo de fazer parte da redacção d'este se-  
manario, lembro a s. ex.ª a conveniencia  
de tomar o meu logar, pois que só assim  
o Fado se tornará *mais portuguez*, deixan-  
do de cheirar a vinho, para só cheirar a  
leite, pó de arroz e agua de Colonia...

Ávelino de Sousa.

Homenagem justa

Um grupo de modestos apreciadores da *Can-  
ção Nacional* e admiradores de João Maria dos  
Anjos, desejando patentear a sua admiração  
pelos meritos que o distinguem, promove no  
dia 8 do proximo mez de abril um banquete  
em honra d'este valioso e eximio cultivador do  
Fado.

O banquete realizar-se-ha em um retiro proxi-  
mo de Lisboa, onde os convivas possam gosar  
as delicias de uma festa puramente nacional.

A esta modesta como simpatica festa, deram  
a sua adesão Raul Castela, José da Silva Ferrei-  
ra, Alberto Ponces, Amália Castela, Idalina  
Castela, João Castela, Maria do Carmo, Laura  
Martins, Antonio Fernandes e o grande poeta  
operario Augusto de Sousa.

As adesões podem ser enviadas a Raul Castela,  
rua Particular (ao Poço dos Mouros), A. D.  
A., rez-do-chão, direito, pelo correo.

graça, eis o que define o povo portuguez,  
eis o que, n'um antropismo universal d'on-  
de herdou ou recebeu a maioria dos seus  
mitos, se destaca como característica pro-  
pria. E' o acaso que faz de nós ricos ou  
pobres; é nossa sina a felicidade ou a des-  
ventura no amor; é da sorte a fortuna ou a  
miseria, a saúde ou a molestia, a virtu-  
de ou o crime; é sempre o fado dominan-  
do tudo, desde o senhor D. Miguel que o  
batia, até ao povo a "gemel-o" nos vio-  
lões e nas guitarras.

Um povo de tão complexo temperamen-  
to, de tanta alma, de tanta vaidade, o uni-  
co povo que sabe amar no mundo, não  
podia encontrar melhor instrumento para  
ser o interprete das suas emoções. Essas  
emoções de uma grande patria vivem na  
guitarra e a guitarra ninguém até hoje a  
tem sabido fazer vibrar melhor do que o  
sr. Salgado do Carmo. Ele é quem tem  
feito a sua reabilitação. E os seus esfor-  
ços, mais uma vez n'este concerto, vão  
sem duvida ser coroados de aplausos. Es-  
sa é a melhor reabilitação. Estas palavras  
com que tenho infelizmente abusado da  
vossa paciencia não poderiam ser mais do  
que uma inconsciente temeridade grave-  
mente comprometedora. Se o foram, como  
estou certo, resta-me pedir-vos perdão e  
felicitar-me porque elas vão ser abafadas  
pelos melodiosos sons da guitarra dedi-  
lhada pela mão do insigne mestre que é o  
sr. Salgado do Carmo.

J. Machado (Zema).

Homenagem ao nosso diretor

Pedem-nos a publicação do seguinte:

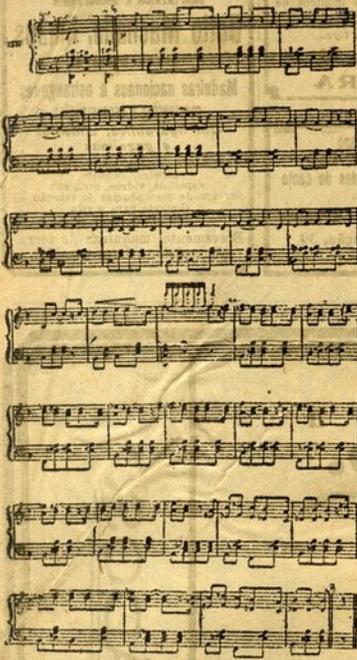
Uma comissão de amigos d'A Canção de  
Portugal, desejando acenar de uma maneira  
indelevel a sua simpatia por este brilhante or-  
gão da canção portugueza, resolve oferecer ao  
seu diretor sr. Jorge Gonçalves, um banquete  
de homenagem, solenizando o 1.º aniversario da  
publicação d'A Canção de Portugal.

Para este banquete, que se realisa no dia 1  
de abril, em local oportunamente designado,  
acha-se aberta a inscrição ao preço de 1\$500  
réis por pessoa, na *Tabacaria Saraiva*, em  
frente da sacristia de S. Domingos, fechando  
esta na proxima quarta-feira á noite.  
Para este banquete deram já a sua adesão os  
srs. Custodio Nunes, Manuel Petronilla, Alfre-  
do Ferreira, Augusto de Sousa, Claudino Cos-  
ta, João Maria dos Anjos, Marcelino Guedes  
Ferreira, Carlos Artur de Sousa, Fortunato  
Coimbra, Pedro Marinho, Carmo Dias, Salgado  
do Carmo, Joaquim dos Santos, Antonio das  
Dores, Borges de Sousa, Raul Martins, José  
Carneiro, etc.

Angariadores de anuncios precisam-  
se para  
este semanario, em Lisboa e na  
provincia. Dão-se comissões van-  
tajasas.

O ULTIMO FADO

Música de AUGUSTO HYLARIO



O teu amor

O amor que tu me tens é como as ondas do mar nos seus constantes vaas-vens sempre, sempre a saltitar.

Teus sorrisos são a espuma das vagas no seu mover, desfazendo-se uma a uma p'ra tornarem a aparecer.

Teus afetos como o vento que sopra rijo do norte, quando afrouxa n'um momento p'ra soprar depois mais forte.

O olhar com que me afagas quando sorris ternamente, é farel que tu apagas e acendes constantemente.

Se aos teus labios de coral, a palavra amor aflora, vem depois o vendaval e vae-se o brilho da aurora.

E' por isso o meu viver uma constante tortura: ora és sol a nascer, logo a seguir noite escura.

Zerep.

A Canção de Portugal começará brevemente a distribuir um brinde mensal a todos os assinantes inscritos nos seus registos de assinaturas.

quando a uma janela vi assomar uma cabeça de mulher.

Era a cabeça d'Elia. Nunca eu a tivesse visto... Olhou para mim, parece-me que sorriu e eu então voltei lá muitas vezes, mas já sósinho.

Amámo-nos... Mas parece-me que não foi ao Homem que ela logo amou. Foi ao Fado, cantado pelo Homem.

E' isto. O fado em vez de ser um marujo bebado aos pontapés a uma meretriz esventrada é quem condena o Crime, e é quem aperta os elos do Amor.

Ela era doente. Um dia morreu. E pobre de mim, que desde que me faltou essa luz divina, arrastado uma vida de morgo, vagueando de noite, gemendo a minha dôr imensa.

Tenho ao menos uma companheira muito minha amiga: a Guitarra. Ela não é o sinonimo do Crime, como alguém pretende, não. Condena-o e foi a condenar um crime ao som da Guitarra, que eu amei...

Sim, é ela a minha companheira. Foi ela que me ligou á minha doce amada e é com ela que eu pretendo esquecer-me d'esse amor tão tragico.

E agora, de noite, de guitarra em punho, eu vagueio errante, cantando... cantando sempre ao som da Guitarra que geme e á luz da Lua que sorri...

Vejo-a ainda, sentada nos meus joelhos, branca, muito branca, com um sorriso de primeiro amor a brincar-lhe nos labios, mas um sorriso tenue, triste, infinitamente triste...

Vejo-a ainda...

BEBAM A FINISSIMA

Agua do Alardo A MELHOR DE MEZA

Fados e Canções de Coimbra

PARA PIANO

Raul de Campos	
Fado n.º 4 (4.ª ed.)	500
Fado n.º 10 (5.ª ed.)	500
Cesar Magliano	
Rapodia de Fados Populares	500
Beljos (Fado)	500
Dr. Francisco Menano	
Album de Fados de Coimbra	500
José Elyseu	
Canções Populares de Coimbra	500

A' venda em todas as casas de musica de Lisboa e Porto.

Satisfazem-se na volta do correio e franco de porte todos os pedidos feitos directamente á

GASA FONSECA de José Ferreira & C.ª

Rua Visconde da Luz, 43 COIMBRA

Eco Teatral

Saú o n.º 66

Distribuido gratuitamente nos teatros

Eco Taurino Também se encontram á venda nos principaes laboratorios. Redacção: Rua do Loreto, 51, 5.ª

EDICÃO DO «ECO TEATRAL» Distribuido gratuitamente em todos os grupos de lavoro SAE BREVEMENTE

Aceitam-se agentes nas terras da provincia onde os não haja.

Artur Lopes.

Grande festa humanitaria PROMOVIDA PELA

«Canção de Portugal»

Está despertando o maior entusiasmo a festa que A Canção de Portugal vae promover com o fim altruista de oferecer o seu produto liquido para a

«Sopa para os Pobres»

a humanitaria cruzada em que se vem empenhando o jornal O Seculo e que tão bom acolhimento tem tido da parte do publico.

N'essa festa que se realisa em matinee no proximo dia 25, ás 15 horas, no Eden-Teatro, gentilmente cedido pelos seus empregados, que assim quizeram solidarisar-se connosco n'essa idéa filantropica, despenhar-se-ha o seguinte

Programa

I PARTE

- I—Poesia do illustre poeta sr. dr. Fausto Guedes Teixeira, recitada pelo distinto ator Rafael Marques.
- II—Concerto de guitarra e viola pelos eximios artistas sr. Salgado do Carmo e ator Côte Real.
- III—Fado original de Salgado do Carmo cantado pelo distinto ator Côte Real.
- IV—Fado do «31», cantado pela popular atriz Ema d'Oliveira e coristas do Eden.
- V—Canções portuguezas de diversos autores, cantados pelo eximio barítono sr. Antõnio Caldeira.

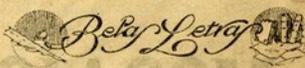
II PARTE

Ditoso Fado—Comedia em 1 ato, original do Barão de Roussado, desempenhada pelos distintos artistas Elvira Bastos e Ribeiro Lopes.

III PARTE

- I—Palavras humoristicas sobre o fado e canções portuguezas pelo talentoso ator Alvaro Cabral.
- II—Concerto de guitarra e viola pelos eximios artistas srs. Carmo Dias e Virgilio de Brito.
- III—Fados cantados por M.ª Joana Pereira de Sousa.
- IV—Fados cantados pelos populares cultores da canção nacional srs. Fernando Teles e João Maria dos Anjos.
- V—Canções portuguezas de diversos autores, cantadas pela distinta professora de canto sr.ª D. Berta Judice Rosa Limpõ.

E', pois, uma festa cheia de atrativos a que por certo não faltarão os apreciadores da linda musica nacional. Os bilhetes continuam á venda na sucursal do Seculo, do Rocio e, no domingo, na bilheteira do teatro.



Resignação

Bem cedo te vim a amar, Linda mais cedo a perder-te... Antes nunca em ti pensar, Se eu não sabia me'cer-te!

Embora quando esquecer-te, Mais e mais me has de lembrar... Se eu não soube conhecer-te, P'ra que te vim a sonhar?!

Caprichos do coração, Que, após a satisfação, Despedem golpe profundo...

Se a gente de tamanino Já traz prescrito o destino, Que fazer? São leis do mundo...

Artur Santos Camara.

Evocação...

Vejo-a ainda, sentada nos meus joelhos, branca, muito branca, com um sorriso de primeiro amor a brincar-lhe nos labios, mas um sorriso tenue, triste, infinitamente triste...

Vejo-a ainda... Começou o nosso amor... nem sei como começou. Era noite. Uma noite de agosto, serena, bela, poeticamente bela. Bailavam as estrelas...

Sorria a lua... E eu caminhava pela rua com dois ou tres amigos, embriagando-me suavemente com o bailado das estrelas, com o sorriso da lua... embriagava-me com a Noite, enquanto outros se embriagavam com o vinho. Subito, vejo um marujo bebado aos pontapés a uma meretriz esventrada...

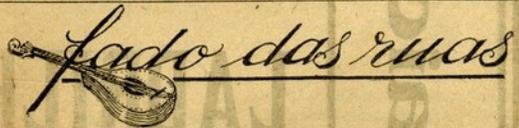
Revoltei-me. Era fraco e não podia medir-me com tal fera. Voltei-me para um dos meus amigos e singelamente disse-lhe:

—O menor... Compreendeu-me. Imediatamente se ouviram os acordes da guitarra, a gemer...

Cantei... Não sei se eram dos meus labios, se da minh'alma os canticos meus.

Mas cantei, cantei o fado e esse cantico era de revolta, por ver o marujo aos pontapés a uma mulher, e tão desgraçada ela era... E era o fado que se ouvia, não para aprovar o crime d'esse bandalho, d'esse ex-homem, como diria talvez Maximo Gorki, mas sim para o condenar.

E cantava, cantava olhando o céu,



O FADO

Trova cantada por João Maria dos Anjos quando da festa de homenagem a este jornal.

MOTE

Se eu fosse emfim, desgraçado escreveu do «fado» a mão; eis do «fado» não se mudam... Triste do meu coração.

Bocage.

GLOSAS

Nasci quando o mar bramia em volta d'uma quimera, e amamentou-me a Severa p'las ruas da Mouraria. Adoptou-me o Anadia por me saber engeitado, amou-me então o seu Fado e, em breve, aos nobres me dava; era lindo, que importava que eu fosse, emfim, desgraçado.

Conheci, então, a Dôr oculta sob o Veludo, vi da Vida o Eterno Entrudo e estremei de pavor. Ilustrei-me e, sem favor, fui ao Paço, em recção, mas da guitarra a paixão traz-me de novo ao bordel, pois que me fosse infiel escreveu do «fado» a mão.

De facto os bordões divinos d'esse adorado instrumento abandonam meu lamento p'los ordinarios, p'los hinos. Por cima ainda uns cretinos n'este meu nome s'escudam, e, embora por mim acudam, ha quem me deseje a morte; se é «fado», destino ou sorte, leis do «fado» não se mudam.

Mas antes que a fria lousa me occulte p'ra sempre ao mundo, sinto um desejo profundo de lhes dizer uma cousa: Devo a Avelino de Sousa a minha consagração, porque busca na «Canção» mil formas de me elevar, e eu nada lhe posso dar... triste do meu coração.

Augusto C. de Sousa.

Despedida

MOTE

N'esta cruel despedida não sei o que hei de fazer... Levá-lo não me é possível, partir, sem ti, é morrer!

GLOSAS

Adeus meu bem. Vou partir, vou deixar-te meu amor! Só Deus sabe a intensa dôr que este acto me faz sentir! Tenho, porém, que seguir a quem manda em minha vida, embora custe a partida, mesmo que o meu coração se parta de comoção n'esta cruel despedida!

No meio d'esta aflicção oiço a voz da consciencia, que me diz:—«Tem paciencia, «sofre com resignação! «E' triste a separação? «Mas partir é teu dever! «Porém logo oiço dizer ao coração torturado: —«Não, não!»—Ouvindo este brado, não sei o que hei de fazer!

—Qual das vozes escutar? —A quem devo obedecer? Sem dúvida á do dever... —Mas, como te hei de eu deixar?! —Como é que hei de suportar esta saudade terrível? Só lhe seria insensível se te levasse tambem... Mas isso, não, oh! meu bem levá-lo não me é possível!

Oh! meu Deus, sem ti partir! Não levar por companheiro o teu sorriso fagueiro que me soube seduzir! E' dôr atroz a sentir, é bem cruel de sofrer condenada a não te ver, quem sabe se nunca mais! Viver assim, oh! jámais! Partir sem ti, é morrer!

Niza

Zina.

**Rangel & Simões**

103, Rua do Carmo, 105

LISBOA



Instrumentos musicos e accesorios.

Officinas de reparações

Catalogos gratis

**Tátá & Rodrigues, L.<sup>da</sup>**

Retrosellos

53, Rua Garrett, 55—LISBOA  
Completo sortido d'artigos de retrozaria e novidades  
TELEPHONE N.º 1175**Antonio Bastos**

Comissões e Consignações

Exportador de Produtos nacionaes e estrangeiros

Rua dos Remolares, 6, 1.º

LISBOA

TELEPHONE N.º 1487 22, Caixa de Correio, 22  
Endereço telegraphico ANTASTOS

Rapidez e economia

**TURCO**

— DO —

**GALHARIZ**

— DE —

**Alfaiataria**

— DE —

**Miguel José Pereira**

Atualmente:

Exposição das novidades sensacionais para inverno.

5, L. do Calhariz, 6

LISBOA

**Empreiteiro**

Encarrega-se por preços modicos de pinturas, calções, estuques e quaisquer outros trabalhos de construção civil em Lisboa e fóra.

C. de S. João da Praça, 108, cave

**J. VIEIRA**

Todas as musicas de piano

Todos os sucessos de dança

Todas as novidades de canto

se vendem na

**Casa Valentim de Carvalho**

37, Rua da Assunção, 39

LISBOA

**ESTANCIA DE MADEIRAS**

CARPINTARIA e MARCEVARIA

**Botto Machado, Irmãos****GOUVEIA**

Madeiras nacionaes e estrangeiras

CONSTRUÇÕES e RECONSTRUÇÕES

Cal hydraulica, cimentos e gazolinas

Moveis em todos os estilos, ferragens, tapetes, oleados, espelhos, vidros, etc., etc.  
Serviço de mercadorias da estação de Gouveia para a vila.

Brevemente, maquinas de serração, aplainar, furar e moldar.

**R. Potau & C.<sup>a</sup>****FABRICA**

— DE —

**LADRILHOS MOSAICOS**

Especialidade em lavadouros e depositos de cimento armados, tinas e lava-louças de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

**URALITA**

Para telhados

**MOSAICOS DE LUXO SEGUI**

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

**R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa**

Endereço telegraphico: EMPORDA

Ladrilhos mosaicos

URALITA PARA TELHADOS